



BRASIL E AMÉRICAS NO SÉCULO XIX

Aspectos Econômicos e Demográficos das Fugas de Escravizados ocorridas no Sudeste do Império do Brasil (1880-1888)

*Economic and Demographic Aspects of Enslaved Escapes occurring in the Southeast of the
Empire of Brazil (1880-1888)*

Milena Yumi Nakaione¹

Gabriel Almeida Antunes Rossini²

RESUMO: No presente trabalho estudamos aspectos da resistência dos escravizados e escravizadas, no sudeste do Império do Brasil, entre 1880 e 1888. Para tanto, analisamos significativo volume de anúncios de fugas de cativos publicados em jornais que circularam nas Províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A partir dos documentos indicados, realizamos apreciações econômicas e demográficas por meio de perguntas como: qual a dinâmica das fugas (i) por períodos e por sexo?; (ii) por idade e origem (africanos e nascidos nas Américas)?; (iii) de fazendas versus de cidades?; (iv) por gratificações oferecidas pela recaptura ou informações dos cativos fugidos?; (v) por ocupação?; (vi) coletivas e individuais?; (vii) dada a disseminação das formulações e ações abolicionistas, isto fez com que as fugas de escravizados se tornassem mais frequentes?; (viii) e qual a importância das fugas para o processo de abolição no fim da década de 1880?

Palavras-chave: Escravidão. Resistência. Fugas.

ABSTRACT: In this work we study aspects of resistance of the enslaved, in the southeastern Brazilian Empire, between 1880 and 1880. For this, we analyzed significant volume of captives escapes ads published in newspapers that circulated in the provinces of São Paulo, Rio de Janeiro and Minas Gerais. Through the indicated documents, we did economic and demographic assessments by means questions, such as: what is the dynamic of the escapes (i) by periods and sex?; (ii) by age and origin (africans and born in the Americas)?; (iii) of farms versus of cities?; (iv) of the gratuities offered by recapture or information about the escaped slaves?; (v) by occupation?; (vi) collectives and individuals?;(vii) with the dissemination of the

¹ Graduanda em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC. Email: milenanakaione@gmail.com

² Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto da Universidade Federal do ABC. Email: gabriel.rossini@ufabc.edu.br



abolitionist formulations and actions, this make slave escapes more frequent?;(vii) and what was the importance of escapes for the abolition process in the late 1880s?

Keywords: Slavery. Resistance. Escapes.

Introdução

Este artigo se inscreve em uma das linhas investigativas relevantes acerca da escravidão. Procuraremos, por meio deste, discutir aspectos relativos à resistência cativa. Buscaremos analisar aspectos econômicos e demográficos acerca das fugas de escravizados na década de 1880, em vista do crescimento do movimento abolicionista e da aproximação da abolição. Faremos isso por meio de informações constantes em anúncios de fugas de cativos presentes em alguns dos principais jornais das províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que se tornaram acessíveis em virtude do relativamente recente instrumento de pesquisa disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas.

Ao abordarmos o tema mencionado, torna-se notória a importância do mesmo, como objeto de estudo, pois a prática escravagista foi a configuração predominante de trabalho encontrada na história da América Portuguesa e Império do Brasil. A proibição do tráfico negreiro, em 1850 e a expansão Leste-Oeste dos cafezais, culminou no fortalecimento do tráfico interno, no aumento do preço dos cativos e na maior diligência dos senhores na recaptura dos escravizados fugidos.

As ponderações que formulamos partiram do levantamento e organização de dados primários e secundários, os primeiros provenientes da coleta de informações que realizaremos em jornais das províncias mencionadas, os segundos, por sua vez, na maior parte, foram resultantes de compilações realizadas pela bibliografia conexa. As informações presentes nos artigos que localizamos, relativos às fugas de escravizados, foram lançadas em um banco de dados previamente organizado, que nos permitiu realizar ponderações quantitativas e qualitativas acerca das fugas ocorridas.

Além desta introdução e das considerações finais, na próxima seção buscamos contextualizar a resistência escrava. Em seguida, discutimos as fugas como um dos



principais meios de resistência. Na terceira seção, evidenciamos os resultados que obtivemos a partir da coleta de dados decorrentes dos anúncios de fuga.

1. Aspectos da resistência dos escravizados

A escravidão na América Portuguesa e Império do Brasil foi a configuração de trabalho preponderante até 1888. Fomos os maiores importadores de cativos da África dentre os países do Novo Mundo (GRAHAM, 2002). Milhares de homens e mulheres negros foram desumanizados ao serem barganhados por armas, fumo e várias outras mercadorias, até serem vendidos com pagamento em dinheiro (LEITE, 2017; VERAS, 2015). Considerando todo o período de tráfico, cerca de 4 milhões e 800 mil africanos foram escravizados e direcionados para a América Portuguesa e Império do Brasil. (CHALHOUB, 2012).

Os escravizados foram utilizados em variados setores da economia agrária exportadora: na produção de açúcar, na criação de gado, em pequenas manufaturas, em trabalhos domésticos e urbanos, nos quais eram incumbidos de realizar transporte e venda de mercadorias além de servirem de “escravos de ganho” (IBGE, 2000). O emprego do trabalho cativo ocorreu em virtude da grande lucratividade decorrente do tráfico transatlântico de cativos. Além disso, a escravidão atravessou toda a sociedade, a ambição de ser dono de cativos estava presente na classe dominante e se espalhava até o simples padre e artesão. (GABARA, 1986; LEITE, 2017).

Prevalcia violência extrema e coisificação social do escravo. Processos corroborados por ampla rede de controle social formada por juízes, padres, feitores, camaradas, agregados e outros que garantiam sua legitimidade e funcionalidade (ROSSINI, 2015 – p.103)

Com o fim do tráfico negreiro transatlântico a movimentação de cativos continuou, só que desta vez limitada aos domínios locais (tal como é exemplificado na passagem abaixo), intraprovincial e interprovincial, o que encurtou os deslocamentos feitos pelos cativos.

Dona Deolinda dos Santos Roza, moradora na também paulista São Roque, por intermédio de seu procurador, Joaquim da Silveira Mello, vendeu para Luis



Antonio de Almeida Barros, residente em Piracicaba, o cativo Pedro, de 24 anos de idade. Esse jovem mulato, negociado por Rs. 500\$000, nascera em Piedade e fora matriculado em Sorocaba; uma averbação em sua matrícula havia sido feita em São Roque (MOTTA, 2009 – p.12).

À vista disso, nota-se que os escravizados, em muitos momentos, foram julgados como uma “raça inferior”, isentos de consciência e civilidade. Dessa maneira, não detinham direito algum e eram considerados uma propriedade (CARDOSO, 2011). Desde sua vinda da África, os cativos sofriam com maus tratos. Nos navios negreiros eles eram amontoados em porões pequenos e escuros, às vezes acorrentados para que não fugissem. Eram obrigados a aguentar a fome, a sede, a péssima higiene, visto que as necessidades biológicas eram realizadas no mesmo local onde se mantinham. Além de que doentes e até mortos permaneciam ao lado dos seus companheiros de viagem (CONRAD, 1985).

Assim que chegavam à América, a tortura não acabava, eles eram vendidos para os senhores e passavam a viver em senzalas rudimentares e abafadas. Como mostra Emília Viotti da Costa (2010) os escravizados eram malnutridos, malvestidos, estavam expostos a verminoses e febre, e eram subordinados a uma excessiva jornada de trabalho que atingia dezesseis a dezoito horas por dia.

Habitavam choças de pau a pique, cobertas de folha de palmeira ou de sapé, em geral sem janelas ou então com grades a lembrar prisões. Dormiam em esteiras, sobre tarimas feitas de madeira, com dois e meio a três pés de largura. Recebiam duas a três mudas de roupa por ano (VIOTTI, 2010 - p.287).

Além disso, era comum nas proximidades da senzala, um pelourinho, tronco utilizado para a tortura e castigo dos cativos que não cumpriam com as ordens ao trabalho desgastante a que eram submetidos (VIOTTI, 2012). Nesse contexto, é possível perceber que muitas abordagens, como as de Gilberto Freyre, que buscaram atenuar os contornos mais marcantes da sociedade escravista brasileira são equivocadas. Contudo, como muitos documentos e diversas pesquisas evidenciam, prevalecia ampla violência. Nota-se também em várias narrativas o realce do cativo apenas como objetos dos senhores, visão também equívoca, visto que os escravizados não aceitaram passivamente à escravidão e recorreram a diversas formas de resistência, tanto coletivas quanto



individuais. Eles buscavam sempre transformar a sua realidade e reagir de diversas formas. (PERLATTO, 2007; MACHADO, 2010).

Em relação às formas de resistência coletivas, destacam-se as revoltas, sabotagens na produção da fazenda, rebeliões nos próprios navios e a formação de quilombos, normalmente organizados em áreas rurais de acesso difícil. Já a resistência individual, abrangia desde o assassinato do senhor e/ou do feitor, a fuga, o suicídio quando não era mais suportável a resistência, até “fazer corpo mole”, quebrar os instrumentos de trabalho e a apresentação de queixas ao delegado local em virtude de castigos excessivos (SOUSA, 2001; MATTOSO, 2003; LEITE, 2017).

Como é notório, uma das mais recorrentes formas de protesto era a fuga. O protesto pela liberdade foi central, visto que os próprios cativos mostraram resistência à escravidão, sendo agentes centrais na construção da abolição anos mais tarde. (CHALHOUB, 2011; SCHWARCZ, 1987; SECRETO, 2016).

2. Os anúncios de jornal envolvendo escravizados e escravizadas

Parte importante dos jornais da década de 1880 era ocupada por anúncios dos mais diversos tipos e tamanhos. Com relação especificamente aos cativos, estes eram apresentados em diversas transações econômicas: “compra, venda, aluguel, leilão, seguro, fugas, testamentos, alienação, empréstimos, hipotecas, penhora, doação, transmissão, depósito e usufruto” (SCHWARCZ, 1987 – p.134). Via de regra, eles eram bem destacados, com os títulos em letras grandes e em negrito para chamar a atenção do leitor.

Evidencia-se nos periódicos a discrepância entre a escrita empregada nele como um todo com a dos anúncios, que detinham uma linguagem menos rígida, dotada de expressões e costumes da época, por se tratar muitas vezes de redação de pessoas pouco letradas, já que cada anunciante ocupava sua área da maneira que desejava (SCHWARCZ, 1987). Nos anúncios de venda, tal como percebemos abaixo, seguros, aluguel ou leilão de cativos, eram ressaltadas as habilidades e as vantagens dos cativos, assim como seus preços reduzidos e as formas de pagamento.

Vende-se uma escrava [...] própria para todo o serviço domestico e rural. É boa cosinheira, lavadeira e doceira. Não tem vicio e é sadia [...]. (A Constituição: Órgão do Partido Conservador (PA) - 25/01/1880). (FREYRE, 1963 – p.59).



Os anúncios de fuga eram um dos mais constantes e verossímeis. Esses eram mais abundantes em informações, visto o anseio do senhor em recuperar seu cativo. Quanto mais traços e características exatas anunciassem, maior a chance de captura do escravizado “fujão” (MACHADO, 2010 – p.52). O enredo era compreendido, em geral, de uma ordenação básica: o nome do anunciante, informações detalhadas sobre o fugitivo e a recompensa pela apreensão. Nas informações, eram citadas características físicas dos cativos vinculadas a descrições do comportamento e da habilidade dos cativos.

Assim, por meio dos anúncios podemos encontrar informações como a idade do fugitivo, o gênero, o local de origem da fuga, ambientes que ele tinha frequentado antes do dono atual, sua conduta, aptidões (tocar um instrumento ou saber cantar, ler e escrever) além dos viáveis trabalhos que os cativos eram aplicados (QUEIROZ e RODRIGUES, 2009). O exemplo abaixo nos ajuda a elucidar as possibilidades dos anúncios relativos às fugas dos escravos:

Escravo fugido. Acha-se acoutado nesta cidade o escravo pardo de nome Adão 29 anos de idade, pertencente ao fazendeiro abaixo-assinado. É alto, magro, tem bons dentes e alguns sinais de castigos nas costas, com a marca S. P. nas nádegas. É muito falador e tem por costume gabar muito a Província da Bahia de onde é filho. Quem o prender e levar à casa de correção será gratificado com a quantia de 200\$000. São Paulo, 17 de dezembro de 1884. Saturino Pedroso (VIOTTI, 2010 – p.335).

Os anunciantes também especificavam suas gratificações no caso da apreensão à casa de correção e na devolução do fugitivo ao seu senhor ou à responsáveis confiáveis (VIOTTI, 2010):

200\$000. Fugiu da fazenda da Salgada (freguesia da Lage), em Maio de 1877, o escravo Paschoal, creoulo 50 annos mais ou menos, natural de Campos, alto, magro [...]. Foi visto ultimamente pelo Sertão de Cacimbas, quem o pegar e levar á casa de Thomé de Souza Valporto, em Campos rua do Rosario n. 48, ou na fazenda de seu Sr. Francisco Ferreira Cezar, na Salgada, será gratificado com a quantia acima. (Monitor Campista, RJ – 21 de Abril de 1880, p.4).



Alguns eram até excessivos na descrição da recompensa, e pormenorizavam em equivalência com a distância em que o cativo era encontrado. Em uma publicação no Diário de Pernambuco em 9 de Julho de 1830, Joaquim José da Silva Beirão anunciou a gratificação de 13 mil-réis para o negro apanhado “dentro da Praça”, 20 para cinco léguas da Praça, 30 para dez léguas, 50 para 20 a 30 léguas, 80 para 70 léguas, 120 para 80 a 100 léguas e 200 mil-réis se apanhado em outra província se não Pernambuco (FREYRE, 1963 – p.70).

Além do detalhamento que se pode notar nos anúncios de fugas, é possível analisar o estigma do trabalho, reconstruir certos traços mais comuns dos cativos e estudar os aspectos que outras fontes omitem ou são falhas (MOTT, 1986). Frequentemente se destacam nos anúncios as deformações causadas pelo trabalho do cativo: eram corriqueiras a enumeração e discriminação de queimaduras, feridas e cicatrizes, marcas normais frutos dos castigos que sofriam de seus senhores (FREYRE, 1963). Como no Jornal do Commercio: no dia 7 de Fevereiro de 1882: “tem uma cicatriz por cima de um dos olhos, outra no peito e outra no hombro esquerdo [...]” datado de 06 de Janeiro de 1880, ou ainda, “tem as pernas arcadas para fóra, uma cicatriz n’um pé pouco a cima do calcanhar, e um signal na testa por cima de um dos olhos”.

Constatam-se também uma sequência de definições que em nada aparentavam ajudar numa possível captura, mas sim a representação da supremacia, propriedade e dependência dos escravizados e escravizadas, tais como: “fingido de humilde”, “labioso e mentiroso”, “escravo de estimação” e “muito amigo do copo”. (SCHWARCZ, 1987 - p. 148).

Apesar de boa parte se referir a cativos homens, há anúncios de fugas de cativas, porém em menores quantidades. Além disso, nestes há uma clara distinção na maneira como o dono prejudicado anunciava a fuga. As mulheres geralmente eram caracterizadas pela sua boa aparência, sua natureza meiga, não eram tão recorrentes sinais de tortura ou castigo:

Escrava fugida. De José Antônio de Souza residente em Itú fugiu há 5 mezes a escrava Balbina, [...], bonita figura, prosa de corpo, bons dentes, fala com doçura e em uma das faces, abaixo do olho, tem uma cavidade mui pequena (Correio Paulistano, 6 de Janeiro de 1886 - SCHWARCZ, 1987 - p.139).



Diversos outros detalhes eram fornecidos pelos documentos analisados. Os cativos eram diferenciados conforme sua cor, referindo-o como muito preto, bem preto, fula, cor baça, pardo, mulato, cor de formiga e muitos outros (MOTT, 1974). Também eram diferenciados conforme sua adaptabilidade ou permanência no Brasil (AMANTINO, 2006; FAUSTO, 2012).

Muitos dos anúncios igualavam os cativos a animais e objetos, por outro lado existiam aqueles que aparecem como quase pessoas da casa de seus senhores. Reivindicava-se de modo diferente sobre um escravizado doméstico, urbano ou rural. Por exemplo:

Fugio da cidade de Itapetininga o escravo de nome Luiz, cabra 22 annos, altura regular e corpulento, pés grandes, cabellos grenhos, olhos vivos e pequenos, falta de dentes na frente, sabe ler e escrever regularmente, falla bem e muito explicado, muito risonho e fica sempre com papéis nas algibeiras gosta muito de recitar versos, é pedreiro e copeiro e costuma dizer que é forro, anda descalço. É de Macahé, Rio de Janeiro (Correio Paulistano, 18 de Agosto de 1877 - SCHWARCZ, 1987 - p.141).

Existia também a caracterização dos escravizados e escravizadas domésticas, que viviam próximas aos senhores nas casas grandes. Geralmente descritos como pessoas de boa figura, sem muitos defeitos físicos e até com grande grau de conhecimento e especialização:

Juiz de Fora. Escravo fugido. Acha-se fugido desde 1º de março do corrente, o escravo Theodoro pardo, baixo, cabellos corridos e de boa figura, bem feito de corpo, bons dentes e começando a barbar e tendo mais ou menos 22 annos, pagem de serviço doméstico acostumado a lidar com animaes, copeiro, entende do offício de carpinteiro, sabe lidar com máquinas de corte, lê números e faz conta de memória, sabe música, canta e toca flauta e violão e leva-o corpo só roupa de serviço... (Correio Paulistano, 6 de maio de 1880 - SCHWARCZ, 1987 - p.143).



Drasticamente oposta era a caracterização dos cativos agrícolas, que constituíram a maioria absoluta dos casos. Nestes anúncios insistiam-se nos defeitos físicos e pouco se falava sobre habilidades especiais:

Fugiu de Bragança no dia 17 do corrente mez, o escravo Jovito de 18 annos mais ou menos, pardo, sem barba, olhos vivos, foi criado de servir na corte. Há pouco mais de um mez foi vendido nesta cidade para serviço de roça e por isso está com as mãos callosas... (Correio Paulistano, 23 de maio de 1880 - SCHWARCZ, 1987 - p.145).

Há na análise do Gilberto Freyre uma faixa etária mais recorrente nos anúncios de fuga: entre 15 e 27 anos. Talvez pela expectativa baixa de vida, como também dada a liberdade dos escravizados mais velhos pela alforria. Entretanto, com a coleta de dados dos anúncios, é possível perceber que em algumas províncias os cativos fugidos eram mais velhos (Tabela 1). Em Minas Gerais, por exemplo, quase 60% dos fugitivos possuíam mais que trinta anos. Já em São Paulo, equivalia a menos de 30% (QUEIROZ e RODRIGUES, 2009).



Tabela 1 – Comparação dos dados entre MG e SP.

	Sexo	Idade (anos)	Ofício
Minas Gerais	H (94%)	Não consta (5%)	Não consta (32%)
		0 a 15 (1%)	
		16 a 19 (0%)	
	M (6%)	20 a 29 (35%)	Consta (68%)
		30 a 39 (40%)	
		40 a 49 (19%)	
		Acima de 50	
São Paulo	H (91%)	Não consta	Não consta (62%)
		0 a 15 (5%)	
		16 a 19 (8%)	
	M (9%)	20 a 29 (43%)	Consta (38%)
		30 a 39 (19%)	
		40 a 49 (6%)	
		Acima de 50	

Fonte: Queiroz e Rodrigues (2009).

Como os cativos eram julgados como propriedade privada, suas fugas causavam despesas e assim seu aprisionamento tornava-se prioridade. Não por acaso o “capitão-do-mato”, tornou-se figura recorrente e responsável por capturar cativos fugidos mediante gratificações. Tal função existia desde a Colônia e foi legalizada por um regimento em 1724. No século XIX, eles não hesitavam em publicar nos jornais anúncios oferecendo seus serviços (MOURA, 1988; VIOTTI, 2010; FREYRE, 1963; LEITE, 2017). Joaquim Nabuco, em seu livro “O Abolicionismo” escreveu:

Diariamente lemos anúncios de escravos fugidos [...] nos quais os escravos são descritos muitas vezes pelos sinais de castigos que sofreram, e se oferece uma gratificação, não raro de um conto de réis, a quem o apreender e o levar a seu dono - o que é um estímulo à profissão de capitães-do-mato (NABUCO, 2000, p.87).



Nos anos de 1880, marcados pelo intenso movimento abolicionista, os anúncios nos jornais apresentavam diversas fugas coletivas, demonstrando a tensão da época (MACHADO, 1994). Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1987), as fugas em grupo eram mais perigosas, pois mostravam o desequilíbrio na organização do proprietário, frente aos cativos.

Com o avanço da campanha abolicionista o sentimento de insubordinação e rebeldia dos escravos tornou-se cada vez mais frequente. Este fato pode ser facilmente percebido [...] pelo aumento das fugas dos cativos (SILVA, 2007 – p. 236).

Este período também ficou conhecido pelas suas inúmeras particularidades, como as “leis abolicionistas”.

Destacou-se, tendo em vista a promulgação da Lei Áurea em maio de 1888, a proximidade do término do escravismo no Brasil. Em meio ao evoluir da questão servil, sofrendo desde 1871 o impacto da Lei do Ventre Livre, o aludido comércio teve também de absorver, em sua etapa final, os efeitos da Lei dos Sexagenários, em 1885 (MOTTA, 2009- p.2).

Assim o crescimento da influência abolicionista, nos últimos anos da permanência da escravidão, foi integrado na dinâmica da ordem escravocrata. A década de 1880 foi então marcada por trajetória declinante em comparação a de 1870, embora seja possível constatar variações entre os anos - conforme Tabela 2 - relacionadas às expectativas dos sujeitos da escravidão, os cativos e seus proprietários.



Tabela 2 – Escravizados Transacionados Segundo Localidade e Ano do Registro.

Anos	Areias	Piracicaba	Casa Branca	Totais
1881	28	35	10	73
1882	7	124	28	159
1883	10	71	-	81
1884	12	62	4	78
1885	69	69	18	156
1886	42	45	40	127
1887	2	16	9	27
Totais	170	422	109	701

Fonte: Livros notariais de registro de escrituras.

Quando os anúncios se tornaram mais rarefeitos, a partir de meados dos anos 1880, as páginas dos periódicos passaram reforçar a imagem do negro violento, vagabundo, bêbado, arruador e primitivo (SCHWARCZ, 1987 - p.150). A liberdade conferida aos escravizados em 13 de maio de 1888 pela Lei Áurea, sucedeu sem a elaboração de um plano de inclusão social. E dessa maneira, não minimizou os problemas dessa população ex-escrava e muito menos a forma de pensar da elite brasileira.

Além de cobras, insetos e animais daninho, que lá por certo pululam, corre-se o risco do encontro com algum malfeitor ou negro vagabundo dessas terras, ficando-se a mercê de uma grosseria e quiça de uma agressão. (Revista Brasileira (RJ), Setembro de 1942 - p.105).

Os negros foram deixados à margem e o legado da escravidão se manteve: a exclusão dentro da sociedade capitalista competitiva, a limitação econômica, a inferioridade imputada aos negros. O racismo e a injustiça se tornaram estruturais (PERLATTO, 2007; VIOTTI, 2010; FAUSTO, 2012; NASCIMENTO e MEDEIROS, 2010).

Depois da libertação, é contundente apontar as dificuldades que o liberto teve com a constituição da “sociedade livre”. Diversos autores consideraram que os libertos expressaram uma rejeição natural ao trabalho, porque quando escravos, foram submetidos aos maus tratos, violência e trabalho compulsório. Além disso, eles estavam desprovidos de elementos socialmente importantes



para sua integração, em decorrência da desorganização familiar, falta de “instrução” e de “senso de responsabilidade” (MENDONÇA, 2001 – p.103).

3. Informações decorrentes dos anúncios de fugas de escravizados

A partir da discussão acerca das fugas, foi realizada a coleta de informações em 10.416 anúncios de fugas de cativos, presentes em alguns dos principais jornais do Sudeste (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo):

Tabela 3 – Número de ocorrência de fugas de cativos, 1880-1888.

JORNAIS	OCORRÊNCIAS
A Constituinte	117
Correio Paulistano	88
Diario do Brazil	80
Gazeta da Tarde	2
Jornal da Tarde	49
Jornal do Commercio	9.107
Monitor Campista	111
O Arauto de Minas	141
O Fluminense	109
O Lepoldinense	210
Pharol	402
TOTAL	10.416

Fonte: elaboração própria a partir da Hemeroteca Digital Brasileira. Obs.: O número de ocorrências abarca os anúncios e sua repetição nas edições subsequentes dos jornais indicados.

As informações constantes, sempre que legíveis, foram coletadas para o período de 1880 a 1888, sobretudo devido a importância da proximidade com a abolição. Os dados foram lançados em uma planilha previamente organizada, o que possibilitou a construção de um banco de dados complexo e propício para a realização de ponderações quantitativas e qualitativas acerca das fugas ocorridas. Na pesquisa, foram utilizados os termos de busca: fugiu, cativo fugido, escrava fugida, fujão, fujona e desapareceu. Em cada ocorrência foram coletadas as informações necessárias para a análise, devidamente transcritas para a base de dados elaborada (Anexo, Gráfico 1), com os seguintes filtros: data da publicação; nome e edição do periódico; província e especificação da fuga; nome

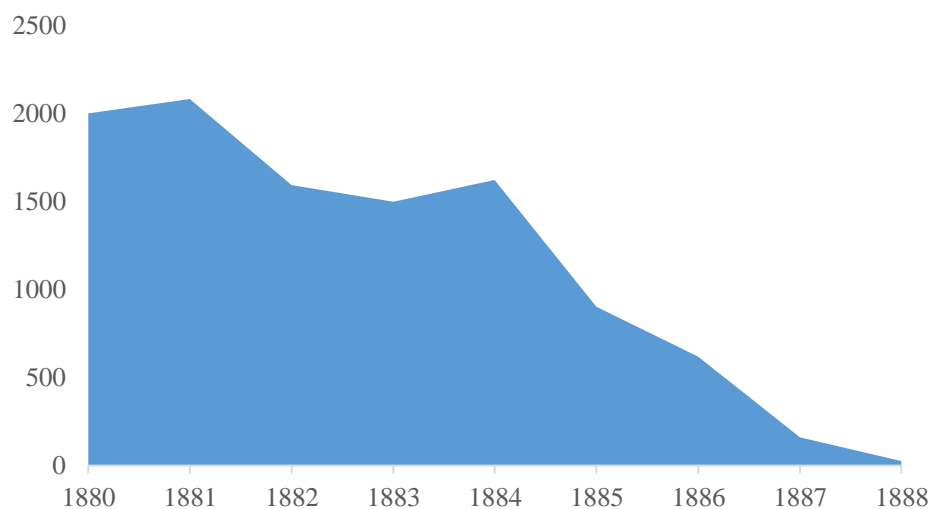


e sexo do proprietário; nome, sexo, idade, cor e origem do escravizado; local e data da fuga; variedade de fuga (individual ou coletiva); ocupação do cativo; recompensa oferecida; local de entrega do fugido; localização esperada do cativo; outras particularidades do escravizado e do proprietário; e repetições dos anúncios.

Como evidencia-se no Gráfico 1, os primeiros anos da década de 1880 foram marcados por grande número de fugas de escravizados e com o passar dos anos essa intensidade diminuiu, o que pode ter sido, ao menos parcialmente, resultado das ações abolicionistas que passaram a ser mais disseminadas. Esta suposição é, em parte, corroborada por Leite (2017):

Até segunda metade do século XIX, os negros escravizados lutaram praticamente sozinhos contra a escravidão. A intensificação da luta contra a escravidão é proporcionada, em termos, por forças externas. Aquelas que constituíram o movimento abolicionista. Faziam parte desse movimento profissionais como advogados, jornalistas, professores e outros, que juntos criticavam a manutenção da escravidão, dando apoio aos escravos na organização da resistência.

Gráfico 1 – Total de ocorrências por período



Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornal publicados no Sudeste (SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.



As fugas ocorridas no âmbito dos recortes temporal e espacial eleitos evidenciam concentração na província do Rio de Janeiro. Tal resultado se explica pelo fato de que comparativamente o Jornal do Commercio contou com um volume muito maior de anúncios do que os jornais das províncias de São Paulo e Minas Gerais:

Tabela 4 – Total de ocorrências por jornal e província

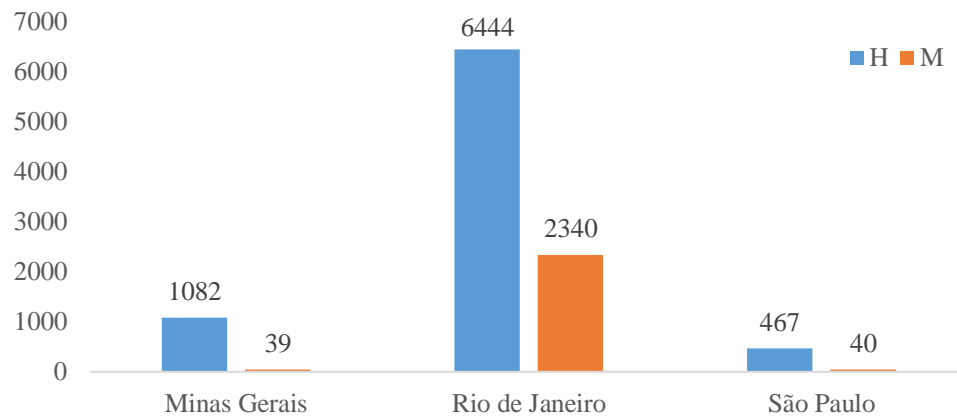
	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo
A Constituinte	0	0	117
Correio Paulistano	2	0	86
Diario do Brazil	0	67	13
Gazeta da Tarde	0	2	0
Jornal da Tarde	0	0	49
Jornal do Commercio	380	8485	242
Monitor Campista	1	110	0
O Arauto de Minas	141	0	0
O Fluminense	0	109	0
O Lepoldinense	197	13	0
Pharol	402	0	0
Total	1123	8786	507

Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornal publicados no sudeste (SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.

Além disso, foi possível constatar a diferença contrastante entre as fugas por sexo. Mais de $\frac{3}{4}$ das fugas foram realizadas por homens (76,8%). Os homens também eram maioria entre os proprietários de cativos, cerca de 89,7%.



Gráfico 2 – Total de ocorrências por sexo



Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornal publicados no sudeste (SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.

Ademais, a idade era também um parâmetro influenciador. A faixa etária em que são encontrados maior número de ocorrências está entre 20 e 40 anos. A seguir, reproduzimos um anúncio, publicado no *Jornal do Commercio*, de um cativo de 20 anos.

100\$000. Fugio de Simão Pereira no dia 13 de Março próximo passado, de casa do Sr. Antonio Vaz Fortes, o escravo Antonio, pardo claro, natural do Ceará, idade 20 anos, [...] desconfia-se que veio para a corte; quem o apprehender e levar à casa de seu senhor em Simão Pereira, ou na corte à rua do Sabão n.80, será gratificado com a quantia acima (Rio de Janeiro, Ed.96/1871).

Na *Gazeta de Notícias*, pode-se identificar um anúncio que evidencia a fuga de um escravizados com idade já próxima dos 40 anos:

ESCRAVO FUGIDO. Fugiu da fazenda da Cachoeira, município de Vassouras, o pardo Venancio, escravo do Dr. Antonio Lazzarini. E'alto, magro, andar apressado e gingado, olhar espantado, pouca barba, de 38 a 40 anos de idade [...]. Será gratificado quem o levar ou der noticia certa d'elle ou em Vassouras ao Dr. Antonio Lazzarini ou n'esta corte à rua dos Benedictinos n.10 (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro – Ed. 125/1878).

A tabela abaixo, nos permite analisar o comportamento das fugas conforme a idade:



Tabela 5 – Ocorrências por faixa etária (%)

	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo	TOTAL
Não consta	7,7%	86,8%	5,6%	25,4%
0 a 15	4,8%	94,0%	1,2%	3,2%
16 a 19	8,5%	84,5%	7,0%	8,7%
20 a 29	13,9%	81,6%	4,5%	30,7%
30 a 39	11,3%	83,6%	5,1%	18,0%
40 a 49	13,4%	82,5%	4,1%	9,8%
Acima de 50	8,1%	89,5%	2,5%	4,3%

Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornais publicados no sudeste (SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.

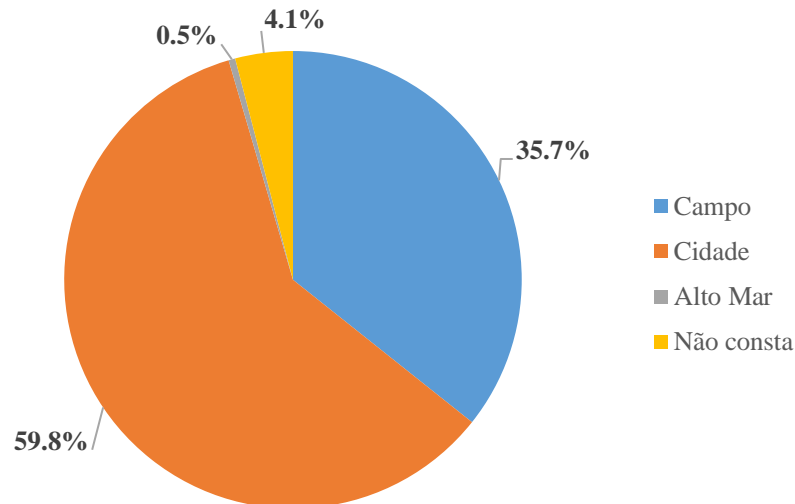
A origem dos cativos fugidos era crioula, isto é, nascidos no Império do Brasil, já que a maioria dos escravizados de nação, ou seja, nascidos no continente africano já haviam morrido, estavam com idade muito avançada ou haviam acessado cartas de liberdade. Assim, os crioulos compunham mais de 92% das fugas que compulsamos³, sendo os outros 8% de nação. Diferença essa, devido sobretudo ao fim do tráfico transatlântico (1850).

Com relação ao local em que as fugas ocorreram, houve preponderância das cidades (59,8%):

³ Consideramos para essa análise as ocorrências nas quais constam a origem dos escravos: 45% dos anúncios levantados na pesquisa.



Gráfico 3 – Ocorrências por local da fuga (%)



Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornal publicados no sudeste (SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.

Nos anúncios de cativos fugidos de áreas rurais, normalmente o documento especificava o nome da fazenda junto ao nome de seu senhor. Como no exemplo abaixo, publicado em 10 de Julho de 1879 na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro:

PRETO FUGIDO. 200\$000 de Gratificação. Anda fugido o escravo Constantino, côr preta, crioulo [...]. Fugiu em 19 de março de 1876 da fazenda de S. Sebastião, em Itaguahy, d'onde é natural [...]. Dá-se a gratificação acima a quem o apresentar na dita fazenda a seu senhor Antonio Dias Pavão de Araujo ou na côrte ao Sr. Antonio Janoário de Azevedo, à rua de Mariz e Barros n.61; e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado (Ed.187/1879).

Já nos anúncios que evidenciavam fugas a partir das cidades é comum a identificação da rua da evasão e da rua de entrega do fugitivo, assim como para o recebimento da gratificação:

Fugiu no dia 8 do corrente da rua das Larangeiras n.110, a escrava de nome Rufina, parda, de 36 anos mais ou menos [...]; quem a apprehender e levar á rua do Figueira de Mello, a quem pertence, terá a gratificação de 50\$000, e



protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutada (O Cruzeiro – Rio de Janeiro, Ed.138/1878).

Quando olhamos para as fugas coletivas ou individuais, nota-se também uma diferença na relação entre as localidades. Embora fosse mais comum a fuga individual (80,5%), é possível inferir que as fugas em grupo ocorriam com mais frequência no campo (58,5%), enquanto as fugas individuais foram mais recorrentes nas cidades. A análise por ocupações dos cativos fugidos também nos mostra informações muito relevantes. Dentre os anúncios que continham esses dados (cerca de ¼), as profissões mais citadas são cozinheiros (28%), pedreiro (10%), carpinteiro (9%), copeiro (8%), cativos de ganho (6%), roceiros (5%) e ferreiros (4%).

Por fim, indicamos na tabela abaixo as gratificações que os senhores ofertavam nos anúncios, conforme sexo, idade e duração da fuga. As recompensas são, em sua maioria, de 100 mil réis (19%), puxadas pela captura de escravizados do sexo masculino (23%). Em geral, os homens e os jovens recebiam ofertas maiores, média de 140\$000 réis, contra apenas 70\$500 réis em média para as mulheres. Além de escravizados fugidos por um longo período de tempo, que se tornavam uma conquista pessoal do senhor em capturá-lo, por isso tinham recompensas mais elevadas por eles⁴.

⁴ Em alguns momentos, conseguimos nos aproximar do tempo de fuga em virtude da repetição dos anúncios que versavam sobre o mesmo escravo fugido.



Tabela 6 – Ocorrências por gratificação oferecida (%)

\$ RECOMPENSA (em réis)	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Até R\$ 20.000,00	2%	4%	2%
R\$ 25.000,00 / R\$ 40.000,00	2%	8%	4%
R\$ 50.000,00	11%	10%	10%
R\$ 60.000,00 / R\$ 80.000,00	0%	0%	0%
R\$ 100.000,00	23%	5%	19%
R\$ 120.000,00 / R\$ 150.000,00	3%	1%	3%
R\$ 200.000,00	15%	2%	12%
Acima de R\$ 250.000,00	8%	1%	6%
Não consta	36%	69%	44%

Fonte: Anúncios decorrentes de diversos jornal publicados no sudeste
(SP, RJ e MG) do Império do Brasil. Elaboração Própria.

4. Considerações finais

Analizamos neste trabalho 10.416 anúncios de fugas de escravizados, entre 1880 e 1888. Com o estudo foi possível constatar que os escravizados não foram inertes à escravidão, eles recorrentemente resistiram de inúmeras formas e foram também sujeitos centrais da abolição.

As apreciações econômicas e demográficas realizadas permitiram conclusões importantes acerca da dinâmica das fugas e das principais características dos cativos. Verificou-se a diminuição das fugas ao longo da década de 1880, assim como a presença mais marcante de fugas coletivas nos anos que antecederam a abolição, dada a intensificação do movimento abolicionista. As fugas mapeadas se concentraram na Província do Rio de Janeiro, volume explicado pela importância desta localidade como um dos principais centros escravistas do Império do Brasil e um dos mais relevantes entrepostos do tráfico doméstico de escravizados. Ademais, evidenciamos a significativa diferença no número de fugas empreendidas por escravizados e escravizadas. Estas participaram de apenas $\frac{1}{4}$ das fugas. Também identificamos que as fugas foram mais recorrentes na faixa etária entre 20 e 40 anos, a preponderância de cativos crioulos e a maior recorrência de fugas ocorridas nas cidades.



Além disso, identificamos as ocupações mais recorrentes. No âmbito dos anúncios que evidenciaram a experiência dos cativos e cativas percebemos que os cozinheiros realizaram quase 1/3 das fugas e os pedreiros cerca de 1/10. As gratificações, finalmente, mostram novamente a diferenciação entre cativos homens e mulheres. As escravizadas recebiam, em média, quase metade do valor das recompensas dos fugitivos homens.

Por fim, ressaltamos que os dados analisados partem de breve recorte da história do Brasil escravista, sendo interessante o estudo dos anos anteriores, dada a importância comparativa entre as décadas. Vale ressaltar que a complexidade do banco de dados criado estabelece múltiplas possibilidades de continuidade desta pesquisa. A utilização de estimações por meio de regressões lineares e o aprofundamento das discussões sobre a agência dos escravizados na sua própria libertação são exemplos de linhas cujas possibilidades não foram plenamente exploradas nesta pesquisa.

FONTES PRIMÁRIAS

A Constituinte: Orgam Liberal, São Paulo – 1880

Correio Paulistano, São Paulo – 1880 a 1882

Diário do Brazil, Rio de Janeiro - 1882 a 1884

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro - 1885

Jornal da Tarde: Publicação Diária, São Paulo - 1880 a 1881

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro - 1880 a 1887

Monitor Campista, Rio de Janeiro - 1880 a 1888

O Araujo de Minas: Hebdomadario Político Instructivo e Noticioso, Minas Gerais – 1881 a 1887

O Fluminense, Rio de Janeiro - 1880 a 1887

O Leopoldinense, Minas Gerais - 1881 a 1883

Pharol, Minas Gerais - 1880 a 1888

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANTINO, Márcia Sueli. Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal. Locus (Juiz de Fora), v. 12, p. 59-74, 2006.

ANNAES do Parlamento Brasileiro - Câmara dos Srs. Deputados, terceira sessão Vigésima Legislatura de 1888 Volume I, Imprensa Nacional RJ 1888, pg. 52.

CARDOSO, Rosilene Costa. Relações sociais na sociedade escravista: cotidiano e criminalidade em Juiz de Fora – 1870-1888. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, 2011.



- CHALHOUB, Sidney. *A Força da Escravidão. Ilegalidade e Costume no Brasil Oitocentista*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. [1ª ed. 1990]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- CONRAD, Robert. *Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Parte relativa ao tráfico interno de escravos)
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. UNESP. 2010, 9 ed.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. UNESP. 2010, 5 ed.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. EDUSP, 2012. 14. ed;
- FREYRE, Gilberto. *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998, cap. IV, 34ª edição, pág. 372.
- GABARA, Ademir. *Escravos: Fugas e Fugas*. In: *Revista Brasileira de História*, v. 6, n. 12. São Paulo: mar./ago. 1986.
- GRAHAM, Richard. *Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil*. *Afro-Ásia*, 27 (2002);
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: 2000.
- LEITE, Maria Jorge dos Santos. *Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil*. *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana* Ano X, N°XIX, agosto/2017, pp. 64-82.
- MACHADO, Geosiane Mendes. *Com vistas à liberdade: fugas escravas e estratégias de inserção social do fugido nos últimos decênios do século XIX em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Março de 2010.
- MACHADO, Maria Helena Toledo. *Crime e escravidão. Trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas (1830-1888)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MACHADO, Maria Helena Toledo. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. Tradução: James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MENDONÇA, Joseli Nunes. *Cenas da Abolição. Escravos e senhores no Parlamento e na Justiça*. São Paulo: Copyright, 2001.
- MOTT, Luiz. *O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe*. In: *Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Águas de São Pedro- SP, 1986.
- MOTTA, José Flávio. *Escravos Daqui, Dali e de Mais Além: o tráfico interno de cativos na expansão cafeeira paulista (Areias, Guaratinguetá, Constituição/Piracicaba e Casa Branca, 1861-1887)*. 1. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012. (Capítulos iniciais e sobre a década de 1870)
- MOURA, Clovis. *Rebeliões da Senzala*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.



- NASCIMENTO, André José do; MEDEIROS, Maria da Gloria de. O Fim da Escravidão e as suas Consequências. IV Colóquio de História: UNICAP, 2010.
- PERLATTO, Fernando. Joaquim Nabuco e o Abolicionismo. Juiz de Fora: Revista Virtú, 2007.
- QUEIROZ, S. R. R. Escravidão Negra em São Paulo: Um Estudo das Tensões Provocadas pelo Escravismo no século XIX. São Paulo, 1977.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- RODRIGUES, J. H. A Rebelião Negra e a Abolição em História e Historiografia. Petrópolis, 1970. P. 65-88
- ROSSINI, Gabriel A. A. A dinâmica do tráfico interno de escravos na franja da economia cafeeira paulista (1861-1887). Tese de Doutorado em Desenvolvimento Econômico. Universidade Estadual de Campinas, 2015.
- SANTOS, Ronaldo Marcos dos. Resistência e superação do escravismo na província de São Paulo (1885-1888). São Paulo, Publicado para o Instituto de Pesquisas Econômicas, 1980.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SECRETO, María Verónica. Novas Perspectivas na História da Escravidão. Tempo (Niterói, online) | Vol. 22 n. 41. p.442-450, set-dez.,2016.
- SILVA, Eduardo. As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura. Uma Investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Eduardo. “Fugas, revoltas e quilombos: os limites da negociação”. In: REIS, João José & SILVA, Eduardo. Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pp. 62-78.
- SILVA, Régia Agostinho da. Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX. Rev. Hist. UEG - Anápolis, v.3, n.2, p. 30-51, jul. /dez. 2014
- SILVA, Ricardo Tadeu Caires. Caminhos e Descaminhos da Abolição: Escravos, Senhores e Direitos nas Últimas Décadas da Escravidão (Bahia, 1850-1888). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, 2007. SOUSA, Rainer Gonçalves. A resistência dos escravos. Brasil Escola, 2001.
- VERAS, Aline Camacho de Andrade. A Escravidão no Brasil e Formas de Resistência Negra. Encontros - Ano 13, número 25. Rio de Janeiro, 2º semestre de 2015.

